

A LIBERDADE COMO O ELIXIR DA VIDA NA FICÇÃO DE KATE CHOPIN

Rosemary Elza FINATTI*

■ **RESUMO:** Busca-se, no presente artigo, analisar a temática da liberdade como elixir da vida, tecendo, por sua vez, um diálogo entre os contos “Emancipação: uma fábula da vida” (1869-1870) e “A história de uma hora” (1894), da autora estadunidense Kate Chopin. Em ambas as narrativas, a ambientação simbólica que delineia o cenário da natureza se contrapõe ao espaço fechado da jaula e da casa como representação do aprisionamento social. Nesse sentido, a possibilidade de romper tais barreiras impulsiona a autorrealização das personagens, tanto do universo fabular representado por um animal que vislumbra a possibilidade de ser livre e todas as implicações da busca pela sobrevivência como da protagonista Louise Mallard, que, diante da suposta viuvez, imagina uma nova vida metaforicamente desperta pelo cenário da primavera. Contestando o aprisionamento da individualidade e de perspectivas das personagens confinadas em espaços claustrofóbicos, os contos revelam o viés crítico da autora em relação às limitações femininas impostas pela ideologia patriarcal. Para tanto, as análises serão norteadas pelas considerações de Per Seyersted (1969, 1980), Betty Friedan (1971), Bernard Koloski (1996), entre outros autores.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** A história de uma hora. Emancipação: uma fábula da vida. Kate Chopin.

Introdução

Kate Chopin (1850-1904) integra o panteão das grandes escritoras da literatura de autoria feminina do século XIX, ocupando um lugar de destaque entre os representantes do Realismo estadunidense. Reconhecida pela crítica como uma autora revolucionária para a sua época, Chopin enveredou pelo caminho literário somente após a viuvez, aos 38 anos, como uma forma de superar a perda do marido e de tornar-se provedora do lar em que vivia com seus seis filhos. Apesar de ter

* UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Letras Modernas – Doutoranda em Estudos Literários – Araraquara, São Paulo, Brasil. rosemary.elza@unesp.br.

iniciado a sua trajetória profissional tardiamente, vinte anos antes de consagrar-se como escritora, ela escreve seu primeiro conto “Emancipação: uma fábula da vida”, entre os anos de 1869 e 1870 (Cf. SEYERSTED, 1980), publicado postumamente por Per Seyersted, em 1969, o segundo biógrafo da autora e compilador de suas obras completas. É possível afirmar que o conto em questão prenuncia o teor crítico e inovador de sua escrita, que aborda temas tabus como o preconceito racial, o divórcio e a infidelidade feminina. Tais temáticas destoam do moralismo acentuado das obras de autoria masculina no contexto *fin de siècle*, sobretudo em relação à condição da mulher na cultura patriarcal, temática essa que povoa o seu multiverso ficcional. Nesse prisma, Chopin destaca-se entre os escritores estadunidenses “preocupados em retratar a personalidade humana, a vida cotidiana e a sociedade da época de maneira objetiva” (VIÉGAS-FARIA, 2011, p. 17). Sob essa perspectiva,

[...] *she broke new ground in American literature. She was the first woman writer in her country to accept passion as a legitimate subject for serious, outspoken fiction. Revolting against tradition and authority; with a daring which we can hardly fathom today; with an uncompromising honesty and no trace of sensationalism, she undertook to give the unsparing truth about woman's submerged life.*¹ (SEYERSTED, 1969, p. 198)

Essa peculiaridade da escrita chopiniana, que prima por mostrar a realidade, ou seja, a verdade por trás das máscaras sociais, considera que “*true art presupposes na understanding of true life*”² (SEYERSTED, 1980, p. 89). A visão revolucionária e emancipadora em relação à condição feminina nasce sob a influência das matriarcas da família com que a autora conviveu ao longo de toda a sua vida, uma vez que

[...] *she grew up among single, independent women, spending much of her youth with her mother, grandmother, and great-grandmother, so she was specially aware of the social possibilities for women and makes exploration of those possibilities the subject of some of her most powerful fiction.*³ (KOLOSKI, 1996, p. 3)

¹ “Ela abriu um novo caminho na literatura americana. Ela foi a primeira mulher escritora em seu país a aceitar a paixão como um assunto legítimo para ficção séria e franca. Revoltando-se contra a tradição e a autoridade; com uma ousadia que hoje dificilmente podemos entender; com uma honestidade intransigente e nenhum traço de sensacionalismo, ela se comprometeu a dar a verdade sem reservas sobre a vida subserviente da mulher.” (Tradução nossa).

² “A verdadeira arte pressupõe entendimento profundo da vida.” (Tradução nossa).

³ “Ela cresceu entre mulheres solteiras e independentes, passando grande parte de sua juventude com sua mãe, avó e bisavó, de modo que ela estava especialmente consciente das possibilidades sociais para as mulheres e faz da exploração dessas possibilidades o tema de algumas de suas mais poderosas ficções.” (Tradução nossa).

À vista disso, os contos analisados neste trabalho dialogam, por assim dizer, na perspectiva de revelar a busca pela liberdade das personagens como um ideário de sobrevivência. Uma vez experimentado o poder de tomar as próprias decisões e de escolha sobre o que, de fato, traz sentido à vida, o animal da fábula e a protagonista do conto não conseguem imaginar a possibilidade de ocupar novamente os espaços de aprisionamento em que viviam até então.

Entre as narrativas mais importantes da contística chopiniana, “A história de uma hora” (1894) destaca-se pela construção irônica e pela temática avessa às convenções de sua época. Publicado pela primeira vez na revista *Vogue* e, posteriormente, republicado na obra *A Vocation and a Voice* (1991), o conto integra grande parte das coletâneas de obras da literatura realista norte-americana, além de ser revisitado e representado no teatro, como uma ópera de Natal, *graphic short story* e como história em quadrinhos⁴. Trata-se de uma narrativa extremamente curta, em que Louise Mallard, a protagonista do conto, recebe de sua irmã a notícia da morte do marido em um acidente de trem. Aos prantos, ela sobe para o quarto e, de frente para a janela aberta, vislumbra algo vindo ao seu encontro, ou seja, uma sensação desconhecida e, portanto, inominável que traduz-se pela liberdade recém-conquistada, sensação essa personificada pela primavera e pela movimentação da rua no espaço público, contrastando-se à vida de clausura do lar e do casamento.

Ao tomar consciência de sua nova condição, ela começa a imaginar toda as grandes realizações que o futuro poderia lhe reservar. No entanto, ao sair do quarto para acalmar a irmã que estava muito preocupada com a sua situação de saúde, visto que Louise sofria de problemas cardíacos, ela vê o marido abrindo a porta da sala, o que provoca a sua morte instantânea. Tal reviravolta no enredo termina de forma irônica, enfatizando a visão da sociedade que desconhece a verdadeira razão de sua morte.

Assim sendo, ambas as narrativas apresentam vieses críticos acerca da liberdade, por meio de aspectos simbólicos presentes nas instâncias narrativas, mostrando a dialética entre a concepção patriarcal e o ponto de vista da autora em relação aos papéis sociais da mulher na sociedade.

E a jaula permanece aberta: a vida que pulsa para além das grades

É através de um universo fabular que Chopin inaugura a sua arte literária. “Emancipação: uma fábula da vida”, narrativa relativamente simples e extremamente curta, apresenta um animal que, desde seu nascimento, vive em uma jaula, na qual é alimentado e protegido por uma mão invisível que lhe dá água limpa e uma boa cama de palha para sua simples e metódica existência, com o essencial para

⁴ Tais informações, fotos e ilustrações podem ser encontradas na página oficial da Kate Chopin International Society (KCIS), disponíveis no link <https://www.katechopin.org/the-story-of-an-hour/>.

sobreviver nesse espaço pequeno e fechado. Em um certo dia, o animal vê diante de si a oportunidade de sair da jaula que, sem nenhuma explicação, de repente encontra-se aberta. Frente ao desconhecido, ele hesita em se aproximar da porta da jaula, temendo por algo que, ao mesmo tempo que lhe desperta uma curiosidade irresistível, provoca-lhe receio por não saber o que poderia encontrar em um cenário completamente novo e desprotegido.

Como uma criatura sem nome e, por assim dizer, sem identidade, sexo ou classificação no reino animal, acreditava que não havia nada a ser experimentado fora daquele lugar, pois “ali ele achava tudo bom, lambendo seus belos flancos, aquecendo-se sob o raio de sol que ele pensava existir só para iluminar o seu lar” (CHOPIN, 2011b, p. 69). No entanto, a partir do momento em que é tocado pelo “feitoço do Desconhecido” (CHOPIN, 2011b, p. 69), ele começa a enxergar a aproximação cada vez mais intensa da luz, que o convida e o impulsiona a sair da jaula. Ao abraçar a liberdade, o animal sai em uma fuga alucinada e percebe-se, finalmente, como um ser vivo e independente, que teria que lutar pela sobrevivência.

Por conseguinte, o desfecho da narrativa alude à ideia de que a liberdade experimentada é o que traz significado à vida da criatura e que, apesar de não ter mais uma mão invisível para prover suas necessidades básicas, uma vez livre, o animal não se sente motivado a voltar para o ambiente claustrofóbico em que viveu anteriormente, já que “a jaula permanece para sempre vazia” (CHOPIN, 2011b, p. 70).

No que tange à peculiaridade da fábula, trata-se de uma narrativa breve que traz uma lição ou um ensinamento, em prosa ou em verso, cujos personagens são, via de regra, animais e, sob uma ação alegórica, encerra uma instrução, um princípio geral ético, político ou literário que se depreende naturalmente do caso narrado (PORTELA, 1983). Como “terceiro elemento estrutural da fábula” (PORTELA, 1983, p. 123), a alegoria do conto personifica a Vida, a Luz e o Desconhecido, elementos representados com a inicial maiúscula. É interessante observar que o termo *luz* traz uma conotação simbólica ao sugerir que o animal passou a ver, de fato, a luz como uma representação da liberdade, quando a observa do lado de fora da jaula, visto que essa palavra aparece inicialmente no enredo em letra minúscula e, já em meio ao cenário da natureza, o vocábulo *Luz* é representado enquanto iluminação e clareza das ideias. A partir de então, o animal escolhe romper a fronteira entre o habitual e o desconhecido, entre as limitações do espaço da jaula e da vida vazia de sentido, vencendo o medo e enfrentando os desafios pelo caminho, pois “outra vez e mais outra ele vai até a porta aberta, a cada vez enxergando mais Luz” (CHOPIN, 2011b, p. 70).

Nesse aspecto, a luz ilumina o ritual de iniciação da criatura, sobretudo porque “sua significação é que, assim como acontece na vida humana em todos os seus níveis, uma época sombria é seguida, em todos os planos cósmicos, de uma época luminosa, pura, regenerada” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982, p. 567). Essa

passagem ritualística é figurativizada no conto como uma fuga em busca de uma aventura frente ao *Desconhecido*:

[...] então, uma vez, parado sob uma torrente de Luz, ele inspira fundo – o apoio nos membros fortes, e de um salto ele se vai.

Rápido, apressa-se em sua fuga louca, não dá importância ao fato de estar se machucando, esfolando os flancos macios – olhando, cheirando, tocando todas as coisas; até mesmo parando para levar os lábios à poça insalubre, pensando que pudesse ser doce. (CHOPIN, 2011b, p. 70)

Marcela Silvestre (2011) enfatiza que a fábula de Chopin evoca, possivelmente, a fuga para a liberdade de um animal que passou a vida toda preso como uma metáfora à libertação feminina da condição claustrofóbica do lar e das privações do casamento. Nos termos da autora, “a ideia é facilmente comprovada pela ausência de especificação do tipo de animal que protagoniza a história, podendo ser retratado inclusive como um ser humano do sexo feminino” (SILVESTRE, 2011, p. 188). Com efeito, pode-se conjecturar que “esse animal é humano! [...] quando o herói abre mão do lugar seguro e protegido aproveitando o chamado que a porta aberta da jaula faz, partindo na aventura do descobrimento” (ANNES, 2011, p. 245).

Vale enfatizar que a poética de Chopin traça um contraponto entre os impulsos da natureza humana/animal em viver em liberdade, como uma necessidade de sobrevivência, e, por outro lado, as regras impostas pela cultura patriarcal, evidenciando que muitas barreiras são verdadeiramente intransponíveis para a mulher.

Na obra *A mística feminina* (1971), Betty Friedan lança luz acerca da concepção dominante que impõe a subalternidade feminina como algo historicamente natural e inquestionável. A partir das reflexões da antropóloga Margaret Mead (1935), a teórica americana ressalta que “embora o potencial da mulher seja tão grande e variado como o próprio e ilimitado potencial humano é melhor conservar as limitações biológicas sexuais determinadas pela cultura” (FRIEDAN, 1971, p. 121). Tais abordagens conceituais são amplamente exploradas nos contos analisados, uma vez que colocam em cena a emancipação como tema fulcral, cuja ideia principal questiona a liberdade enquanto um direito inalienável que é negado e legitimado ao feminino pela hegemonia dominante. De modo alegórico, o enredo de “Emancipação: uma fábula da vida” *“symbolizes confined women in nineteenth-century women’s writing”*⁵ (TOTH, 1999, p. 51). Nesse prisma,

Chopin’s use of the fable goes beyond the illustration of the human condition with an example from the animal kingdom, it forces its readers back to examine

⁵ “simboliza a mulher confinada na escrita feminina do século XIX.” (Tradução nossa).

*the terms of its understanding of words like emancipation and even fable. The genre itself is implicated in a too casual assignment of human and animal, sentient and insentient, reasonable and unreasonable and, crucially, free and not-free. The beast in the story - caged at first and then allowed to taste the uncertainties of liberty - represents both acceptance and denial of the force of fable; it shows what happens when you allow figurative language to harden into a truth.*⁶ (BEER, 1997, p. 68-69)

Dessa forma, a fabulação presente na narrativa carrega uma lição de moral a respeito da alienação vivida pela criatura, que, presa na jaula, acredita que o sol existe somente para iluminar a sua casa. Assim, o animal contenta-se até então em satisfazer parcialmente a sua vida, restrita entre as paredes da jaula:

[...] desconhecendo completamente as reais dimensões do mundo e as infinitas possibilidades da existência humana. Isso reflete, [...] as coincidências estabelecidas na fábula entre seu personagem principal e a situação das mulheres em um passado não muito remoto, e que ainda persiste em se manifestar em algumas culturas do presente. (SILVESTRE, 2011, p. 188).

Tomando por base a citação referendada, fica evidente a falta de perspectiva na vida do animal, pois, apesar de aparentemente ter ao alcance tudo o que necessita para sobreviver, tal passividade não era suficiente para dar sentido à sua vida. A partir do momento em que “colocou a cabeça para fora, e o que viu foi a abóbada celeste ampliar-se e o mundo expandir-se” (CHOPIN, 2011b, p. 69), a criatura não consegue mais descansar, já que “*the discovery that there was so much more to see and desire than food, water, and a warm place to sleep overcomes him, and he bolts full-speed out of the cage*”⁷ (WALKER, 2015, p. 29-30). Logo, o espaço ilimitado para além das grades expande seus horizontes e o faz perceber um vazio existencial que evoca, por sua vez, o duplo sentido do termo *desconhecido* ao se referir tanto ao ambiente externo quanto ao mundo interior da criatura, em que “o feitiço do Desconhecido já recaíra sobre ele” (CHOPIN, 2011b, p. 70).

⁶ “O uso da fábula por Chopin vai além da ilustração da condição humana com um exemplo do reino animal, ela força seus leitores a examinar os termos de seu entendimento sobre palavras como emancipação e até mesmo fábula. O gênero em si é implicado em uma atribuição muito casual de humanos e animais, sensível e insensível, razoável e irracional e, crucialmente, livre e não livre. A criatura na história - enjaulada no início e então permitido provar as incertezas da liberdade - representa ambas aceitação e negação da força da fábula; mostra o que acontece quando você permite que a linguagem figurativa reforce uma verdade.” (Tradução nossa).

⁷ “A descoberta de que havia muito mais para ver e desejar do que comida, água e um lugar quente para dormir o domina, e ele se afasta a toda velocidade da jaula.” (Tradução nossa).

Nesses termos, a iluminação epifânica pela qual a personagem escolhe enfrentar os obstáculos que a liberdade lhe impõe revela que “assim ele vive, procurando, achando, alegrando-se e sofrendo” (CHOPIN, 2011b, p. 70). Nesse viés, a tônica da narrativa evoca a liberdade e a busca contínua pela sobrevivência como uma parte essencial de todos os seres, cujo “*the weight of the prose is against confinement and for the celebration of the random, the uncertain, and, above all else, of the ‘Unknown’, thus dignified in the fable with all the importance of the proper noun*”⁸ (BEER, 1997, p. 69, grifos da autora). Diante de tal busca e das dificuldades encontradas pelo caminho, a jaula continua vazia e a criatura, liberta em seu *habitat* natural.

Instantes de liberdade: bebendo o elixir da vida

De modo semelhante ao conto analisado, por meio de uma narrativa extremamente concisa e com uma temática que mostra um questionamento profundo acerca da emancipação, “A história de uma hora” narra um momento breve, porém intenso em que Louise Mallard toma consciência de que a viuvez poderia lhe assegurar uma liberdade nunca antes experimentada. Sozinha em seu quarto, ao olhar pela janela e avistar a primavera e a movimentação das nuvens, a aproximação da chuva e as pessoas transitando pela rua, a protagonista, assim como o animal que se depara com a porta da jaula aberta, sente-se envolvida por algo que ela não é capaz de nomear:

[...] havia algo vindo em sua direção e ela esperava por aquilo, temerosa. O que era? Ela não sabia; era muito sutil e indefinível para nomear. Mas ela podia sentir aquilo saindo do céu de um modo arrastado, aproximando-se dela pelos sons, pelos cheiros, pela cor... (CHOPIN, 2011a, p. 80).

A janela do quarto de Louise, tal qual a porta da jaula em “Emancipação: uma fábula da vida”, representa “o limiar igualmente da liberdade e da prisão” (ROSSI, 2007, p. 3). No excerto, pode-se constatar a liberdade personificada como algo que chega através dos sentidos por se tratar de uma sensação até então desconhecida e que, ao tocá-la pela primeira vez, como o feitiço do desconhecido recai sobre o animal, desperta-a para traduzir o que antes não poderia ser dito ou até mesmo sentido, ou seja, “ela repetiu várias vezes entre dentes: ‘Livre, livre, livre!’” (CHOPIN, 2011a, p. 80).

⁸ “[...] o peso da prosa é contra o confinamento e para a celebração do aleatório, do incerto e, acima de tudo, do ‘Desconhecido’, assim dignificado na fábula com toda a importância do substantivo próprio.” (Tradução nossa).

É interessante observar que a epifania é marcada pela transformação física e interior da heroína, através da qual o olhar anteriormente perdido, “fixo, inerte, que encarava o espaço muito ao longe [...], não era um olhar de reflexão, mas, ao contrário, indicava uma suspensão de raciocínio” (CHOPIN, 2011a, p. 80), é substituído pelos olhos “vivos e radiantes” (CHOPIN, 2011a, p. 81). Nesse aspecto, “*It is at this point that she begins to think, the point at which she is reborn through and in her body*”⁹ (PAPKE, 1996, p. 133). O olhar traz a conotação do despertar da consciência, por meio da qual ela vislumbra as possibilidades de fazer escolhas que o casamento até então não havia lhe permitido. Dessa maneira, o conto

[...] is itself in large about vision, about what Mrs. Mallard sees, about what the story's narrator sees that Mrs. Mallard sees. [...] The words eyes, look, see, saw, stare, view, gaze and glance appear more than a dozen times in this story of just a thousand words.”¹⁰ (KOLOSKI, 1996, p. 4)

Nesse sentido, a visão do cenário da natureza, simbolicamente representado pela renovação da primavera, bem como a vista da imensidão do céu, desperta a criatura para um mundo novo, representa a libertação de uma vida de privação. Nesses termos, é através de um “cenário povoado de símbolos de liberdade constatando incessantemente e intensamente com símbolos de opressão que se dará a epifania, a revelação do eu feminino ou o despertar propriamente dito” (ROSSI, 2007, p. 3). Diante dessa revelação, “*Louise then immediately recognizes her two selves and comprehends how each will co-exist, the old finally giving way to the one new self.*”¹¹ (PAPKE, 1996, p. 133). Desse modo, a natureza, como um elemento potente de transformação, tem uma pluralidade significativa, pois “estabelece a fusão entre as descrições da natureza externa com as de natureza emocional e psicológica da protagonista” (SILVESTRE, 2006, p. 103).

Nesse ímpeto de tornar-se livre, “havia um triunfo febril em seu olhar” (CHOPIN, 2011a, p. 82). A plenitude para qual a heroína desperta revela-se através da constatação de que a viuvez a torna: “– Livre! Corpo e alma livres! – ela continuou sussurrando” (CHOPIN, 2011a, p. 81). A partir de então, ela começa a questionar o casamento como uma relação de posse e de apagamento de sua individualidade, como um estatuto instaurado pela sociedade através do qual a submissão feminina

⁹ “[...] é neste ponto que ela começa a pensar, o momento em que ela renasce através e em seu corpo.” (Tradução nossa).

¹⁰ “[...] é propriamente sobre visão, sobre o que a Sra. Mallard vê, sobre o que o narrador da história enxerga que a Sra. Mallard vê. [...]. As palavras olhos, olhar, viu, olhar fixamente, encarar, contemplar, enxergar e vislumbra aparecem mais de uma dezena de vezes nesta história de apenas mil palavras.” (Tradução nossa).

¹¹ “Louise então imediatamente reconhece seus dois eus e compreende como cada um irá coexistir, o velho finalmente dando lugar a um novo eu...” (Tradução nossa).

é uma condição naturalizada como um padrão a ser cegamente seguido. Diante da sensação de liberdade para dedicar-se a si mesma, “o que poderia o amor, o mistério não solucionado, valer em face desse ganho de autoafirmação que ela de repente reconheceu como o impulso mais forte do seu ser?” (CHOPIN, 2011a, p. 81). Vale ressaltar o viés crítico da autora, que subverte a concepção historicamente construída de que a autorrealização feminina concretiza-se somente através do casamento e da maternidade, sobretudo porque, nas narrativas de Chopin, tanto a mulher solteira como a viúva “são tipos felizes. Elas escolheram, sempre, a vida [...] como uma [...] possibilidade de preenchimento dos desejos” (MOREIRA, 2003, p. 145).

Como uma das precursoras da segunda onda do Feminismo, movimento que surge entre as décadas de 1960 e 1970, a compilação e a publicação das obras completas de Kate Chopin por Per Seyersted em 1969 não foi fortuita, no sentido de que a efervescência das ideologias subversivas já pairava no cenário americano naquela época. Nesse contexto social, a ficção da autora, silenciada por mais de cinco décadas, vem à tona para questionar as bases patriarcais, cujos pressupostos determinam à mulher uma vida de anulação e de renúncia de sua individualidade, restrita ao espaço doméstico, com um vínculo permanente de dependência do marido, ou seja, “a mulher sem desejos pessoais, que se define apenas como esposa e mãe. Se existe, só pode ser dos filhos ou do marido” (FRIEDAN, 1971, p. 57).

Nesse ínterim, a escrita da autora antecipa já no século XIX questionamentos acerca das limitações que aprisionam a mulher em papéis sociais. Sob a ótica patriarcal, a concepção de feminilidade preconiza que o destino da mulher é marcado por sua anatomia, uma vez que “a personalidade feminina é determinada por sua condição biológica” (FRIEDAN, 1971, p. 70). Dessa forma,

Um número crescente de mulheres vem fazendo a si própria essa pergunta. Como que despertando de um coma indagam: «Onde estou?... Que faço aqui?» Pela primeira vez na história observam em sua vida uma crise de identidade, crise que começou há muitas gerações, piorou com o passar dos anos e não terminará até que elas, ou suas filhas, tomem uma direção desconhecida e descubram a sua nova imagem, de que tantas agora necessitam desesperadamente. (FRIEDAN, 1971, p. 70)

Consoante a tais indagações, de uma forma inovadora, a protagonista Louise Mallard rejeita a concepção de amor entre marido e mulher e começa a refletir sobre as privações do casamento, que distorce a natureza humana e impõe papéis controladores e destrutivos (SOLOMON, 2009). Na narrativa de Chopin, esse olhar que desmistifica a idealização do amor enfatiza que somente a liberdade pode trazer sentido à existência da heroína.

É interessante observar que a temática do confinamento e da impotência diante das limitações da mulher no espaço fechado do lar é um tema recorrente entre as

escritoras do século XIX. O quarto de Louise e a jaula do animal representam tais cenários repressores e a necessidade vital de transpor esses ambientes, visto que há muito mais para ver, desejar e realizar para além daqueles espaços sufocantes. Desse modo,

*[...] agoraphobia and its complementary opposite, claustrophobia, are by definition associated with the spatial imagery through which these poets and novelists express their feelings of social confinement and their yearning for spiritual escape.*¹² (GILBERT; GUBAR, 1984, p. 86)

Levando em consideração os apontamentos supracitados pelas teóricas americanas, no conto, a possibilidade de transgredir esse espaço repressor é ilustrado por meio do simbolismo de renascimento prenunciado pela primavera, através do qual “ela estava bebendo o próprio elixir da vida através daquela janela aberta” (CHOPIN, 2011a, p. 81). Na ânsia de aproveitar a nova vida que acabara de surgir, deixando para trás uma “*artificial life of empty conventions*”¹³ (JAMIL, 2009, p. 216), para viver como “um indivíduo livre para desenvolver suas potencialidades” (FRIEDAN, 1971, p. 61), a heroína começa a imaginar um futuro de autorrealização: “dias de primavera e dias de verão e todo tipo de dias só seus. [...] Ainda ontem pensara, com um estremecimento de medo, que a vida poderia ser longa” (CHOPIN, 2011a, p. 82).

Considerando que “o elixir da imortalidade, evocado nas tradições, simboliza o estado de consciência transformado” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982, p. 364), para Louise a liberdade de viver para si mesma figura como o elixir da vida, assim como o animal do conto, que renasce no momento em que salta para fora da jaula. Nesse sentido, o elixir que impulsiona ambas as personagens “tem o poder de prolongar indefinidamente a vida de quem o ingere, de criar a vida ou mesmo de ressuscitar os mortos” (ROSSI, 2011, p. 259).

No entanto, a sensação extasiante finda-se repentinamente quando Louise desce para a sala com a intenção de acalmar a sua irmã e, de forma inesperada, vê o seu marido entrar pela porta. Nesse instante, a heroína tem seus sonhos de liberdade interrompidos, assim como a sua própria vida. Com efeito, “a alegria monstruosa, o elixir da vida, lhe fora fatal” (ROSSI, 2011, p. 260). A partir da reviravolta da cena final, a história termina com as palavras irônicas do narrador: “quando os médicos chegaram, disseram que ela havia morrido do coração – de alegria fulminante” (CHOPIN, 2011a, p. 82). Nesse sentido, “trata-se da ironia

¹² “[...] a agorafobia e seu oposto complementar, a claustrofobia, estão por definição associados ao imaginário espacial através do qual estes poetas e romancistas expressam seus sentimentos de confinamento social e sua ânsia de fuga espiritual.” (Tradução nossa).

¹³ “[...] existência artificial de convenções vazias” (Tradução nossa).

cósmica, que transforma a alegria e a esperança da protagonista em decepção, tristeza e desconsolo” (SILVESTRE, 2006, p. 108).

O desfecho sinaliza o ponto de vista da sociedade em relação à morte da protagonista, cujo real motivo é de conhecimento apenas do leitor e do narrador, contestando, por sua vez, a visão restrita das convenções sociais acerca da liberdade feminina. Sob essa perspectiva,

Louise Mallard prevê um futuro que não lhe pertence da mesma forma que não pertence ao seu contexto sócio-histórico — e não pertence também à Kate Chopin ou ao contexto sócio-histórico da autora —: Louise Mallard prevê o futuro da literatura de mulheres, prevê o futuro das mulheres de maneira geral, prevê a emergência do Feminismo. (ROSSI, 2011, p. 257)

À vista disso, considerando o título original do conto como “*The dream of an hour*” (Cf. TOTH, 1999), para a Sra. Mallard, a liberdade não passou de um sonho tangível apenas por breves instantes, figurando, por sua vez, que a conquista da autonomia para uma mulher do século XIX é uma ambição ilusória diante da supremacia vigente. Assim sendo,

[...] *for one climactic hour of her life, Louise does truly taste joy. For one hour of emotion, Louise does glimpse meaning and fulfillment. To be fully alive, then, is to engage in heightened consciousness, to observe and connect with the world around one's self*¹⁴. (JAMIL, 2009, p. 220).

Ao criticar a opressão da cultura patriarcal, a trama evidencia que não há qualquer escapatória para as mulheres que vivem de forma alheia aos ditames da sociedade, na medida em que “*they do so only in a private world in themselves. Either way, [...] there lies self-oblivion if only the individual changes and not the world.*”¹⁵ (PAPKE, 1996, p. 134). Como o retorno do marido que lhe fora fulminante, tal qual a ideia de submissão do casamento e todas as limitações impostas à mulher, “roubada da liberdade de existir como indivíduo” (FRIEDAN, 1971, p. 61), “A história de uma hora” ilustra a urgência de transformações sociais no século XIX como um legado feminista ainda imprescindível na contemporaneidade.

¹⁴ “[...] durante uma hora clímax de sua vida, Louise realmente sente o gosto da alegria. Por uma hora de emoção, Louise vislumbra o sentido e a realização. Estar totalmente viva, então, significa envolver-se em uma consciência elevada, para observar e conectar-se com o mundo em torno de si mesma.” (Tradução nossa).

¹⁵ “[...] o fazem apenas em um mundo privado em si mesmas. De qualquer forma [...], existe a ilusão de uma vida independente se apenas o indivíduo muda e não o mundo.” (Tradução nossa).

Considerações finais

As análises dos contos mostraram uma convergência simbólica entre as narrativas em que a paisagem que se delineia do lado de fora da jaula/janela evoca a liberdade nunca antes experimentada pelas personagens, como uma vida que nasce para além das limitações de uma existência sem sentido. Considerando que o primeiro conto de Chopin foi escrito por volta de seus 20 anos, pode-se conjecturar que o fazer literário da autora nasce sob um olhar marcadamente crítico, que se expressa em histórias que têm como ponto de partida a temática da emancipação feminina. De uma forma inovadora, a proposta libertária de trazer para seus textos a vida por trás das máscaras sociais, com o ensejo de desvelar sobretudo a opressão da mulher imersa em valores patriarcais, tornou-se o caminho norteador de grande parte de sua ficção.

Como uma autora à frente de seu tempo, Chopin consagra-se como uma das precursoras do movimento feminista, apesar de todas as dificuldades que teve que enfrentar para viver de seus escritos. Através de sua rica produção literária, a escritora traduziu, de forma realista e poética, a acepção plena da palavra liberdade, que, no universo feminino, desde tempos imemoráveis, ainda permanece como símbolo de resistência.

FINATTI, R. E. Freedom as the elixir of life in Kate Chopin's fiction. **Itinerários**, Araraquara, n. 54, p. 85-98, jan./jun. 2022.

■ **ABSTRACT:** *This paper seeks to analyze the theme of freedom as the elixir of life, weaving, in turn, a dialogue between the short stories "Emancipation: A Fable of Life" (1869-1870) and "The Story of an Hour" (1894), by the American author Kate Chopin. In both narratives, the symbolic setting that delineates the scenery of nature is opposed to the closed space of the cage and the house as a representation of social imprisonment. In this sense, the possibility of breaking through such barriers drives the characters' self-realization, both in the fabled universe represented by an animal that glimpses the possibility of being free and all the implications of the search for survival and in the protagonist Louise Mallard, who, faced with supposed widowhood, imagines a new life metaphorically awakened by the spring scenario. Contesting the imprisonment of individuality and perspectives of the characters confined in claustrophobic spaces, the short stories reveal the author's critical bias towards female limitations imposed by patriarchal ideology. To this end, the analyses will be guided by the considerations of Per Seyersted (1969, 1980), Betty Friedan (1971), Bernard Koloski (1996), among other authors.*

■ **KEYWORDS:** *Emancipation: a fable of life. Kate Chopin. The story of an hour.*

REFERÊNCIAS

ANNES, R. Do animal humano. *In*: VIEGAS-FARIA, B.; CARDOSO, B. M.; BROSE, E. (Org.). **Kate Chopin: contos traduzidos e comentados**. Estudos literários e humanidades médicas. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011. p. 245-246.

BEER, J. **Kate Chopin, Edith Wharton and Charlotte Perkins Gilman**: Studies in Short Fiction. New York: Palgrave Macmillan, 1997.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.

CHOPIN, K. A história de uma hora. Trad. Adriana Ruggeri Quinelo. *In*: BROSE, Elizabeth R.Z.; CARDOSO, Betina Mariante; VIEGAS-FARIA, Beatriz (orgs). **Kate Chopin: contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas**. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011a.

CHOPIN, K. **A vocation and a voice**. Ed. Emily Toth. London; New York: Penguin Books, 1991. (Penguin Classics)

CHOPIN, K. Emancipação: uma fábula da vida. Trad. Denise Mariné. *In*: BROSE, E. R. Z.; CARDOSO, B. M.; VIEGAS-FARIA, B. (orgs). **Kate Chopin: contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas**. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011b. p. 69-70.

FRIEDAN, B. **A mística feminina**. Petrópolis: Vozes, 1971.

GILBERT, S.; GUBAR, S. **The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination**. London: Yale University, 1984.

JAMIL, S. Selina. Emotions in the Story of an Hour. **The Explicator**, v. 67, n. 3, p. 215-220, 2009.

KOLOSKI, B. **Kate Chopin: A Study of the Short Fiction**. New York: Twayne Publishers, 1996. (Twayne's Studies in Short Fiction Series, 65)

MOREIRA, N. M. de B. **A condição feminina revisitada: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin**. João Pessoa (PB): Editoria Universitária UFPB, 2003.

PAPKE, M. E. The History of an Hour. KOLOSKI, B. **Kate Chopin: A study of the short fiction**. New York: Twayne Publishers, 1996. (Twayne's Studies in Short Fiction Series, 65)

PORTELLA, O. A fábula. **Revista Letras**, v. 32, p. 119-138, dez. 1983. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19338/12634>. Acesso em: 20 fev. 2022.

ROSSI, A. Uma morte irônica: “The Story of an Hour”, de Kate Chopin. XII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura: Gênero, Identidade e

Hibridismo Cultural, 2007. **Anais...** Ilhéus/BA: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2007, p. 1-7. Disponível em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/APARECIDO%20DONIZETE>. Acesso em: 24 fev. 2022.

ROSSI, A. **Segredos do sótão: feminismo e escritura na obra de Kate Chopin**. 2011. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCL-Ar), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara/SP. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102372/rossi_ad_dr_arafcl.pdf?sequ%20ence=1&isAllowed=y. Acesso em: 16 fev. 2022.

SEYERSTED, P. (ed.). **The Complete Works of Kate Chopin**. Baton Rouge (LA): Louisiana State University Press, 1969. (Southern Literary Studies)

SEYERSTED, P. **Kate Chopin**. A Critical Biography. Baton Rouge (LA): Louisiana State University Press, 1980.

SILVESTRE, M. A. C. **Processos de construção e representação da identidade feminina em contos de Kate Chopin**. 2006. 261 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCL-Ar), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara/SP.

SILVESTRE, M. A. C. Fábula da emancipação. In: BROSE, E. R. Z.; CARDOSO, B. M.; VIÉGAS-FARIA, B. (orgs). **Kate Chopin: contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas**. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011. p. 245-246.

SOLOMON, B. H. Creating the New American Library’s Awakening. In: KOLOSKI, B. **Awakenings: The Story of Kate Chopin Revival**. Baton Rouge (LA): Louisiana State University Press, 2009. p. 61-76. (Southern Literary Studies)

TOTH, E. **Unveiling Kate Chopin**. Jackson (MS): University Press of Mississippi, 1999.

VIÉGAS-FARIA, B. Apresentação. In: VIÉGAS-FARIA, B.; CARDOSO, B. M.; BROSE, E. R. Z. (org.). **Kate Chopin: contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas**. Porto Alegre: Luminara, 2011. p. 15-18.

WALKER, R. Kate Chopin and the Dilemma of Individualism. In: O’DONOGHUE, K.; OSTMAN, H. **Kate Chopin in Context: New Approaches**. New York: Palgrave Macmillan, 2015. p. 29-46.

